



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

SALETE MADALENA SOUZA

PEDALANDO POR DIREITOS:
VOZES FEMININAS NO CICLISMO

Salvador

2025

SALETE MADALENA SOUZA

**PEDALANDO POR DIREITOS:
VOZES FEMININAS NO CICLISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia para obtenção de nota como requisito parcial à aprovação do título de jornalista.

Orientadora: Prof^a Dr^a Leonor Graciela Natansohn.

Salvador

2025

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Souza, Salete Madalena.

Pedalando por direitos: vozes femininas no ciclismo / Salete Madalena Souza. - 2025.
32 f.: il.

Orientadora: Profª. Dra. Leonor Graciela Natansohn.

Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2025.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo - Aspectos sociais. 3. Ciclismo - Aspectos sociais. 4. Cicloativismo.
5. Negras. 6. Mulheres transgênero. 7. Ela Roda as Cidades (Podcasts). I. Natansohn, Leonor Graciela.
II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. III. Título.

CDD - 070.4
CDU - 070.11





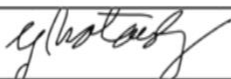
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO

Salvador, 10/02/2025

Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**Pedalando por Direitos: Vozes Femininas no Ciclismo**", de autoria de Salete Madalena Souza, sob orientação de Leonor Graciela Natansohn, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por Claudiane de Oliveira Carvalho e Guilherme Varella.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	7	 Documento assinado digitalmente GUILHERME ROSA VARELLA Data: 10/02/2025 20:02:46-0300 verifique em https://validar.itl.gov.br
Examinador(a) 2	7,0	
Orientador(a)	7,0	

Média final (valor numérico): 7,0

Média final (por extenso): sete

*“Quando a mulher negra se movimenta,
toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”*

(ANGELA DAVIS, 2017, online)

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

À D. Vera Lúcia, minha mãe, por ter tido a coragem e a força para enfrentar todos os percalços das nossas vidas, garantindo que eu pudesse estudar. Esta segunda graduação é total fruto da sua luta e resiliência, nas quais me inspirei;

Todas as mulheres negras que vieram antes de mim, por abrirem os caminhos e tornarem possível que hoje eu possa caminhar empoderada e me sentir orgulhosa de quem sou;

Todos os meus professores, desde a saudosa Vovó Lalá da escolinha Piu-Piu, minha escola de alfabetização, que sempre ficava comigo no fim do dia até minha mãe sair do trabalho para me buscar e me dava pãozinho delícia de graça, professora Marli Passos, minha professora de banca com a qual falo até hoje e está aqui presente, de quem eu tinha medo das palmatórias; à saudosa professora de Português Lia Fernanda, do CEMJ, que me abraçou enquanto bolsista de segundo grau, corrigia todos os meus poemas e me incentivava a participar de concursos de poesia da Nestlé (risos); até os meus professores das universidades e cursos de pós-graduação que passei e ainda continuam na minha vida até hoje, por nunca terem soltado a minha mão e me incentivaram a acreditar em mim mesma e em meu potencial. Em especial, à professora Dra. Leonor Graciela Natansohn e à professora Dra. Francisca Helena Marques, por puxarem as minhas orelhas e garantirem a minha presença aqui hoje, defendendo o meu Trabalho de Conclusão de Curso;

A “cretina” da Rosimeire Santos aqui presente, por participar da minha vida há vinte anos, por acreditar em mim, muitas vezes, mais do eu mesma acredito;

A todas as pessoas que vivem em comunidades periféricas, que são as que mais sofrem com as taxações governamentais, mas mantêm as estruturas das universidades públicas de pé através de seus impostos. Desejo que os filhos e netos dessas comunidades continuem vivos, cresçam fortes e saudáveis, para um dia usufruírem das estruturas públicas que seus avós e pais pagaram ao longo de suas vidas.

Às políticas governamentais populares, que abriram as portas para que pessoas negras como eu possam ocupar cadeiras dentro da Universidade Federal da Bahia. Sou da época em que apenas a elite majoritariamente branca passava nas provas da UFBA, por terem tido uma vida cheia de privilégios.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram na construção desse TCC em especial, Vera Lucia Souza, professoras Dra. Leonor Graciela Natansohn e Dra. Francisca Helena Marques, Dra. Claudiane Carvalho, Dr. Guilherme Rosa Varela, Rosimeire dos Santos,

Lalesca Santos, Matheus Buranelli, Carolina Mantovani, Rede *Bike* Anjos, *Bike* Anjas, Juli Hirata, Aline Os, Danny Ventura, Senhora Mar, Gheysa Prado, Lorene Motta, Júlia Guzman, Bruna Massa, Lu Souza, Barbara Barbosa, Pedro Matsumoto, aos coletivos de ciclismo, principalmente ciclismo feminino e a todas as cicloativistas e cicloviantes, Marcelo Alves e Ingrid Nuno.

Muito obrigada!!! Isso se tornou possível porque vocês estiveram comigo. Viva a Universidade Pública!

SOUZA, Salete Madalena. **Pedalando por Direitos: Vozes Femininas no Ciclismo**. 2025. 31 fls. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2025.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o papel do ciclismo no empoderamento feminino, destacando as interseções de gênero e raça. O estudo partiu da observação da sub-representação de mulheres, especialmente negras e transgêneras, no universo do ciclismo. A pesquisa, conduzida na Universidade Federal da Bahia como parte da graduação em Jornalismo, utilizou uma abordagem qualitativa combinando revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com mulheres ciclistas. A pesquisa culminou na produção de um *podcast* como ferramenta para amplificar as narrativas dessas mulheres. Assim, o *podcast* “Ela Roda as Cidades” foi desenvolvido visando explorar e divulgar essas experiências e funcionando como plataforma para inspirar outras mulheres a reivindicarem seu espaço. Analisou-se a bicicleta não apenas como meio de transporte sustentável, mas como uma poderosa ferramenta de resistência social e empoderamento. Dos resultados da pesquisa, destaca-se que o ciclismo promove visibilidade para mulheres negras e transgêneras, combatendo estereótipos e possibilitando uma maior inclusão no espaço público; e que o potencial revolucionário do ciclismo para transformar vidas pode inspirar uma nova consciência sobre mobilidade e igualdade. O estudo também pode delinear desafios enfrentados pelas mulheres, incluindo a segurança e a (in)visibilidade, bem como propor estratégias para superação. Este trabalho reforça o ciclismo como um vetor de transformação social, alinhando-se com a missão do Jornalismo de não apenas informar, mas também transformar a sociedade.

Palavras-chave: ciclismo; empoderamento feminino; interseccionalidade; *podcast*; jornalismo.

SOUZA, Salete Madalena. **Pedaling for Rights: Women's Voices in Cycling.** 2025. 31 pp. Final Paper – Bachelor's Degree in Journalism, School of Communication, Federal University of Bahia, 2025.

ABSTRACT

This work aims to analyze the role of cycling in women's empowerment, highlighting the intersections of gender and race. The study originated from the observation of the underrepresentation of women, especially Black and transgender women, in the cycling world. The research, conducted at the Federal University of Bahia as part of the Journalism undergraduate program, utilized a qualitative approach combining bibliographic review and semi-structured interviews with women cyclists. The research culminated in the production of a podcast as a tool to amplify the narratives of these women. Thus, the podcast “Ela Roda as Cidades” (She Rides the Cities) was developed to explore and disseminate these experiences and function as a platform to inspire other women to reclaim their space. The bicycle was analyzed not only as a sustainable means of transport but as a powerful tool for social resistance and empowerment. Key findings from the research indicate that cycling promotes visibility for Black and transgender women, combating stereotypes and enabling greater inclusion in public spaces; and that the revolutionary potential of cycling to transform lives can inspire a new awareness of mobility and equality. The study may also outline challenges faced by women, including safety and (in)visibility, as well as propose strategies for overcoming them. This work reinforces cycling as a vector of social transformation, aligning with the mission of Journalism to not only inform but also transform society.

Keywords: cycling; women's empowerment; intersectionality; podcast; journalism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	JUSTIFICATIVA	10
3	OBJETIVOS	12
3.1	GERAL	12
3.2	ESPECÍFICOS	12
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
4.1	FEMINISMO E MOBILIDADE: O CICLOATIVISMO COMO FERRAMENTA DE MILITÂNCIA FEMINISTA	13
4.2	TECNOLOGIA E <i>PODCASTING</i> COMO FERRAMENTA DE ATIVISMO	18
5	METODOLOGIA	20
5.1	DEFINIÇÃO DA AUDIÊNCIA	20
5.2	PLANEJAMENTO DE EPISÓDIOS	20
5.3	DEFINIÇÃO DE TEMAS	21
5.4	PESQUISA DE CONTEÚDO	21
5.5	SELEÇÃO DE ENTREVISTADAS	21
5.6	ROTEIRIZAÇÃO	22
5.7	GRAVAÇÃO	23
5.8	EDIÇÃO.....	23
5.9	DIVULGAÇÃO	24
5.10	PERIODICIDADE.....	24
5.11	ACOMPANHAMENTO DE RESULTADOS	24
6	CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA	26
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
8	REFERÊNCIAS	29
9	GLOSSÁRIO	31

1 INTRODUÇÃO

O ciclismo associado ao ativismo, ou cicloativismo, tem emergido como um símbolo poderoso de empoderamento, sustentabilidade e saúde, reconfigurando a ocupação dos espaços urbanos e promovendo uma nova consciência sobre mobilidade e meio ambiente. A bicicleta é utilizada como uma ferramenta de mudança social e conscientização. Neste sentido, os cicloativistas promovem o seu uso para defender causas como mobilidade sustentável, direitos dos ciclistas e melhoria do espaço urbano¹.

Considerando que o foco principal é a transformação social, objetiva-se integrar a bicicleta nas políticas de transporte, promover a inclusão e desafiar as normas centradas no automóvel nas cidades. Nesse contexto, as mulheres, especialmente as negras e transgênero², enfrentam desafios singulares, que vão desde a representatividade até questões de segurança e inclusão. A partir da necessidade de dar visibilidade às experiências de mulheres e com a constatação da crescente importância do ciclismo como um vetor de empoderamento e transformação, iniciou-se esta pesquisa, que culminou na criação do *podcast* “Ela Roda as Cidades”. Constituído por uma série de episódios de áudio digital disponibilizados *online* para *download* ou *streaming*, o *podcast* pode ser acessado, sob demanda, em vários dispositivos.

O “Ela Roda as Cidades” explora como a bicicleta se torna um instrumento de empoderamento feminino — um processo pelo qual as mulheres adquirem consciência, autonomia e poder para tomar decisões, controlar recursos e participar ativamente na sociedade. Ao fazer isso, elas desafiam desigualdades de gênero e raça e promovem equidade em todas as esferas da vida. Este *podcast* também discute os desafios e conquistas das mulheres no ciclismo.

A temática está alinhada com os objetivos do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia, que não busca apenas informar, mas também transformar a sociedade, dando visibilidade a questões cruciais. Nesta pesquisa, explorou-se a questão da invisibilidade e da falta de espaços seguros para mulheres ciclistas, com foco nas interseccionalidades³ de gênero

¹ O ciclismo praticado como Ativismo difere-se do ciclismo praticado como Esporte, que é centrado na competição e no desempenho físico. Este envolve treinamentos rigorosos, participação em competições e busca por conquistas, como velocidade e resistência. As modalidades incluem ciclismo de estrada, *mountain biking* e ciclismo de pista, exigindo técnicas específicas e comprometimento atlético por parte dos praticantes.

² Transgênero descreve pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo que lhes foi atribuído ao nascer. Inclui pessoas que se identificam como homens trans, mulheres trans, não-binários, entre outros. Transgêneros podem ou não buscar intervenções médicas como terapia hormonal ou cirurgias para alinhar suas características físicas com sua identidade de gênero.

³ Interseccionalidades referem-se à interligação de múltiplas formas de discriminação e opressão, como racismo, sexismo e classismo. O conceito destaca que as experiências de marginalização não podem ser entendidas isoladamente, pois essas opressões interagem, criando efeitos únicos e complexos. Popularizado pela professora

e raça. A motivação para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu da minha própria trajetória como cicloativista e da observação da sub-representação dessas mulheres no universo do ciclismo.

Este memorial apresenta, então, o percurso de pesquisa e produção do *podcast* “Ela Roda as Cidades” que aborda diversos temas, que vão desde o entretenimento até a educação, com enfoque nas vozes e vivências de mulheres negras e pessoas transgênero. O principal argumento desenvolvido foi que o ciclismo, além de ser um meio de transporte sustentável, pode ser uma ferramenta poderosa de resistência, empoderamento e construção de cidades mais inclusivas.

Para tanto, a coleta de informações envolveu a participação de diversas mulheres ciclistas, com o intuito de captar a riqueza e diversidade de experiências e perspectivas. O projeto foi dividido em etapas que envolveram a fundamentação teórica, planejamento dos episódios, a criação de um roteiro detalhado para o episódio piloto, incluindo instruções para a produção, apresentação da locutora, entrevistas, áreas de respiros, trilha e efeitos sonoros. Devido à diversidade geográfica das participantes, as entrevistas foram gravadas através da plataforma de comunicação por áudio e vídeo *Zoom*[®], utilizando equipamentos de gravação profissionais e *softwares* de edição como *Audition*[®] e *Premiere*[®]. A edição do material de áudio e vídeo foi realizada de forma profissional, buscando qualidade sonora e coerência narrativa.

O resultado principal deste trabalho foi a produção do episódio piloto do *podcast* “Ela Roda as Cidades”, que servirá como referência para a criação da série com dez episódios. Este episódio foi concebido para testar a proposta, ajustar o formato e obter o *feedback* inicial, garantindo que a série completa atenda aos objetivos estabelecidos. A divulgação do *podcast* será feita por meio de redes sociais e parcerias com *blogs* e *sites* relacionados ao ciclismo, feminismo e sustentabilidade, utilizando estratégias de *marketing* digital para alcançar um público mais amplo e engajado.

Este memorial demonstra que o TCC foi mais do que uma etapa acadêmica; representou uma poderosa afirmação sobre a relevância do ciclismo na luta por equidade e empoderamento, buscando promover o conhecimento e a transformação social através do compartilhamento de histórias e experiências.

Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade ajuda a analisar injustiças sociais e a buscar soluções que considerem essas múltiplas dimensões.

2 JUSTIFICATIVA

Minha iniciação no ciclismo começou ainda na infância, quando morava na periferia de Salvador, Bahia. Cresci desejando ter uma bicicleta, mas minha mãe não tinha condições financeiras para me dar uma. Esse anseio permaneceu comigo até que, no meu segundo emprego de carteira assinada, decidi usar o dinheiro que economizei nas passagens de ônibus para comprar uma bicicleta de segunda mão, parcelada.

Lembro-me vividamente da felicidade que senti no primeiro dia em que tive minha própria bicicleta. Eu trabalhava em uma pizzaria no Rio Vermelho e morava na Boca do Rio, uma distância de 20 km, ida e volta. Pedalava diariamente esse percurso, apesar das dores intensas, nos primeiros dias, devido à falta de preparo físico. Foi nesse momento que minha paixão pela ciclomobilidade⁴ começou, ainda que eu não conhecesse essa palavra na época. A liberdade de poder ir e vir, de alcançar lugares com a energia do meu próprio corpo, sem gastar dinheiro, rapidamente se tornou uma paixão.

Com o tempo, e mudanças de trabalho, não consegui manter a rotina de pedalar pelas ruas de Salvador. No entanto, a ciclomobilidade continuou sendo uma parte importante da minha vida. Alguns anos atrás, entrei para a Associação *Bike Anjo* (BA), “uma rede de pessoas que acreditam na bicicleta como uma ferramenta para a transformação das pessoas e das nossas cidades” (BIKE ANJO, c2025, *online*). Esse grupo forma ciclistas, promovendo o uso da bicicleta como meio de transporte seguro e inclusivo⁵.

Minha jornada com o BA foi o início de uma transformação profunda. Conheci primeiro a articulação do BA Salvador, que não apenas compartilha, mas intensifica a missão de usar a bicicleta como uma poderosa ferramenta de mudança social. Em eventos mensais, levamos essa revolução sobre duas rodas para toda a cidade, especialmente para as regiões periféricas, onde oferecemos oficinas de ciclismo que empoderam e inspiram.

Foi ao descobrir a *Bike Anjas* que minha compreensão sobre a força do ciclismo feminino realmente floresceu. Esta rede vibrante de mulheres, espalhada por todo o Brasil, criou um espaço dinâmico de discussão e ação por meio de um grupo no aplicativo de conversas *whatsapp*[®]. Juntas, exploramos o feminismo, o empoderamento e a celebração dos corpos femininos, usando a bicicleta como um símbolo indomável de liberdade e autonomia. Aqui,

⁴ Ciclomobilidade se refere ao uso da bicicleta como meio de transporte urbano, integrando-a aos sistemas de mobilidade das cidades. Engloba infraestrutura cicloviária, políticas públicas e práticas que promovem o ciclismo como opção sustentável, saudável e eficiente para deslocamentos cotidianos.

⁵ Inclusivo é o termo que descreve práticas, políticas ou ambientes que buscam acolher e integrar todas as pessoas, independentemente de suas características, habilidades, origens ou identidades; visa promover igualdade de oportunidades, respeito à diversidade e participação plena de todos os indivíduos na sociedade.

comecei a ver a bicicleta não apenas como um meio de transporte, mas como um catalisador de empoderamento feminino e transformação social.

Atualmente, conhecida pelo nome artístico de Salete Maso, sou membro da BA Nacional e da BA Salvador; articuladora na *Bike Anjas Salvador*; faço parte do Pedivela, que é o órgão consultivo da Rede Bike Anjo; integro o Grupo de Trabalho (GT) Cuidados, organizado para oferecer suporte no acolhimento, prevenção e apuração de infrações à Carta de Valores do BA, faz parte do BA; e sou Conselheira Regional Nordeste da União de Ciclistas do Brasil (UCB). Já fui apresentadora do *podcast* “BiciCast”, uma parceria entre a UCB e a BA Nacional, onde as primeiras edições foram apresentadas por mim, e nas quais também participei da construção do roteiro e da pesquisa.

Foram as experiências dessa trajetória que me motivaram a criar esse projeto de *podcast*, intitulado “Ela Roda as Cidades”. O nome faz referência tanto à bicicleta quanto à mulher que a ocupa, simbolizando qualquer mulher que deseja explorar suas cidades em cima de uma *bike*, ocupando esses espaços com seus corpos. Através deste TCC, portanto, busquei aprofundar essa temática e fortalecer as vozes dessas mulheres empoderadas, inspirando outras a seguir o mesmo caminho.

Como destacado por Silva e Malta (2022), os *podcasts* feministas têm se tornado uma ferramenta crucial para a resistência feminista, criando espaços seguros e igualitários para mulheres e outras minorias sociais. Além disso, conforme apontado por Carlos e Santos (2023), os *podcasts* têm um potencial significativo para o engajamento, empoderamento e formação de mulheres, especialmente quando alinhados a outras estratégias que utilizam a força mobilizadora dos relatos pessoais.

Nesse sentido, o *podcast* “Ela Roda as Cidades” buscou não apenas narrar histórias, mas também construir uma ponte entre experiências individuais e coletivas, destacando como a bicicleta transcende seu papel de mero meio de transporte para se tornar um símbolo de liberdade, resistência e transformação. Ao compartilhar essas narrativas, criamos uma conexão poderosa que ressoa com mulheres de contextos diversos, incentivando-as a reivindicar seu espaço e a desafiar as normas estabelecidas.

Nesse sentido, o *podcast* atua como um farol de inspiração e informação, iluminando o caminho para que mais mulheres possam descobrir o poder transformador da ciclomobilidade. A intenção é que, ao ouvir essas histórias, outras de nós se sintam encorajadas a embarcar em suas próprias jornadas de empoderamento, utilizando a bicicleta como uma ferramenta de mudança pessoal e social.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Produzir um *podcast* sobre a relação entre mulheres e o cicloativismo, com enfoque nos processos de empoderamento, nos desafios e na cultura do ciclismo feminino.

3.2 ESPECÍFICOS

- Experimentar o formato *podcast* como ferramenta jornalística e explorar as potencialidades da sua linguagem;
- Reportar a importância do ciclismo para o empoderamento feminino;
- Destacar histórias de mulheres que utilizam a bicicleta como forma de expressão de liberdade e autonomia e reportar a influência do ciclismo na saúde e bem-estar das mulheres;
- Divulgar iniciativas como *Bike Anjo* e *Bike Anjas* na promoção do ciclismo seguro e inclusivo para mulheres;
- Debater os impactos ambientais positivos promovidos pelo uso da bicicleta;
- Experimentar o planejamento de um episódio piloto, com três blocos, a roteirização, gravação, edição e divulgação, com a utilização de softwares específicos para edição de áudio ferramentas disponíveis nas principais redes sociais: *Instagram*[®], *Facebook*[®], *Blog*[®] e *LinkedIn*[®];
- Explorar narrativas de mulheres ciclovias, abordando os desafios e as conquistas dessa prática.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 FEMINISMO E MOBILIDADE: O CICLOATIVISMO COMO FERRAMENTA DE MILITÂNCIA FEMINISTA

A *bike* tem desempenhado um papel significativo na militância feminista, através do cicloativismo, servindo como um meio de empoderamento e resistência em diversos contextos históricos e internacionais. Desde o final do século XIX, a bicicleta emergiu como um símbolo de liberdade para as mulheres, desafiando normas sociais e promovendo a autonomia pessoal.

No final do século XIX e início do século XX, durante a primeira onda do feminismo, a bicicleta permitiu que as mulheres se afastassem das restrições do lar e se movimentassem livremente, simbolizando a luta pela igualdade de direitos. Nesse sentido, a famosa sufragista Susan B. Anthony (1820-1906), destacou que a bicicleta “fez mais pela emancipação das mulheres do que qualquer outra coisa no mundo” (MOVIMENTO CICLO OLHAR, 2017, *online*), sublinhando seu impacto na luta pelos direitos das mulheres.

Atualmente, o ciclismo continua a ser uma ferramenta poderosa de empoderamento, mas as desigualdades e barreiras persistem. Ao redor do mundo, a bicicleta se torna um instrumento de transformação social, empoderando mulheres e desafiando normas culturais. Em países como o Irã, onde as restrições à liberdade de movimento das mulheres são mais pronunciadas, a bicicleta se tornou um símbolo de resistência. Mulheres ciclistas desafiam normas culturais e legais, reivindicando seu direito de ocupar o espaço público e promover a igualdade de gênero.

Corroborando, Kashyaap (2021) traz que, em Jaipur, na Índia, iniciativas como o “*PinkPedals*”⁶, fundado, em 2017, por Pooja Vijay, eleita uma das 100 *Emerging Woman Leaders*³, segundo a *Woman Entrepreneur*, têm promovido o ciclismo entre mulheres como uma forma de empoderamento, oferecendo bicicletas gratuitas para mulheres e meninas. Essas iniciativas não apenas incentivam a mobilidade, mas também desafiam estigmas sociais e promovem a segurança e a independência das mulheres. (KASHYAAP, 2021, tradução nossa).

Nesse contexto, Limb e Collyer (2023) introduzem o conceito de “dehumanização” (tradução nossa) e descreve como a percepção de indivíduos ou grupos como “menos humanos” tem implicações significativas para as mulheres ciclistas. Essa percepção pode ser intensificada pela invisibilidade social e os estigmas associados às mulheres, em especial às mulheres negras,

⁶ *PinkPedals* é uma iniciativa de ciclismo na Índia que visa empoderar mulheres e meninas.

que, apesar do uso de equipamentos de segurança como capacetes, são frequentemente vistas de forma desumanizada. Esse fenômeno reflete uma visão distorcida que ignora a individualidade e os direitos dessas pessoas, transformando a segurança em um ponto de controvérsia a ser abordado com sensibilidade e compreensão.

Ventura (2023a, 2023b), em suas reflexões sobre misoginia⁷ e androginia no trânsito, destaca como a percepção de corpo e identidade de gênero impacta diretamente a experiência de segurança e inclusão. Ela observa que homens podem enfrentar certas violências no trânsito, mulheres e pessoas com corpos mais andróginos vivenciam essas agressões com maior frequência e intensidade: “[...] a gente sofre as mesmas violências que os homens, tá? Só que numa frequência maior. Mais fechadas, mais gente reclamando... quando a gente está fora do lugar, que não deveria estar ali” (VENTURA, 2023, *online*).

Essa discriminação é exacerbada pela presença de corpos femininos no espaço público, onde o assédio se torna uma constante, mesmo em situações que deveriam ser neutras, como andar de bicicleta. Ventura (2023, *online*) relata também que, “com um corpo masculino não tem assédio... Agora com o nosso corpo feminino vem direto. Mesmo estando na bicicleta, no trânsito, andando na figura”.

As experiências de Ventura (2023) refletem uma realidade enfrentada por muitas mulheres e pessoas transgêneras, onde a desumanização se manifesta não apenas através de agressões físicas, mas também em microagressões cotidianas que questionam seu direito de ocupar o espaço urbano. Nesse sentido,

Os dois espaços que mais aparecem como cenários de violências são a rua e o transporte público. Claro que o assédio está longe de ser o maior problema, mas ele é um dos anúncios de que nosso trânsito pela cidade também está sujeito à violência. Além disso, precisamos pensar que somos um país que mata mulheres em números expressivos, assim como as pessoas negras e a população LGBTQI (PAULA, 2021, p. 158).

As mulheres ciclistas negras enfrentam uma camada adicional de desafios devido às questões de gênero associada a raça. A interseção de gênero, raça e dehumanização resulta em uma dupla discriminação, onde essas ciclistas são vistas como menos competentes ou menos merecedoras de ocupar espaços. Segundo pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), 22 milhões de brasileiras de 16 anos ou mais disseram ter sofrido assédio, sendo o

⁷ Misoginia é descrito como a aversão ou discriminação contra mulheres, frequentemente manifestada de maneira sutil ou estrutural.

espaço público o *locus* de maior incidência. Não por acaso, a maior parte é relato de jovens e mulheres negras.

Sendo a mulher negra, no geral, a base de todas as pirâmides, ela permanece cerceada em seus movimentos e condicionada a ocupar apenas os postos de serviço. A essa mulher não é reservado o direito à cidade (PAULA, 2021, p. 158). É nesse contexto que o *podcast* “Ela Roda as Cidades” se posiciona como uma plataforma de resistência e transformação.

Este trabalho não apenas explora os desafios enfrentados por essas ciclistas e cicloativistas, mas também destaca o potencial transformador da *bike*, como uma ferramenta de empoderamento e mudança social. Ao amplificar essas experiências, o *podcast* busca inspirar e encorajar mulheres, mulheres negras e pessoas transgêneras a se engajarem na experiência de pedalar, buscando promover uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Por meio das histórias compartilhadas, buscamos promover uma compreensão mais profunda e empática, desafiando as percepções desumanizadoras e limitantes que vivemos hoje.

Nesse contexto, o *podcast* se apresenta como uma das ferramentas utilizadas pelas mulheres negras como resistência à reprodução das opressões vividas por este grupo. Além disso, é uma maneira encontrada para subverter a lógica de naturalização do racismo e do sexismo que se reproduzem nos meios de comunicação massivos (CARNEIRO, 2003 *apud* CALVALCANTE, 2023), em que essas mulheres muitas vezes não possuem espaço para construir um debate voltado à humanização das mulheres negras (CAVALCANTE, 2023).

Ao aumentar a visibilidade e a representatividade das mulheres, mulheres negras e pessoas transgênero ciclistas, essas iniciativas ajudam a re-humanizar as ciclistas aos olhos do público, promovendo uma cultura de respeito e igualdade. Essa discussão se alinha com os objetivos deste TCC, que busca não apenas explorar os desafios enfrentados por essas ciclistas, mas também destacar o potencial transformador do ciclismo ativista como uma ferramenta de empoderamento e mudança social. Ao dar voz a essas experiências através do *podcast* “Ela Roda as Cidades”, este trabalho visa inspirar e encorajar outras mulheres e pessoas transgêneras a se envolver no ciclo ativismo, promovendo uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

A bicicleta, além de ser um meio de transporte sustentável e saudável, serve como uma poderosa ferramenta de empoderamento para mulheres. Inspirando-se no conceito de leitura do mundo, onde Paulo Freire argumenta que a “compreensão da realidade precede a alfabetização”, sendo a leitura do mundo o “primeiro passo para a aprendizagem” (FREIRE, 1989, p. 9). Nesse sentido, o ato de pedalar pode ser visto como uma forma de ler a cidade,

interagindo diretamente com o espaço urbano e percebendo suas desigualdades e potencialidades.

Assim como Freire afirma que a educação deve capacitar os indivíduos a interpretar e transformar seu mundo (FREIRE, 1989), o ciclismo permite que as mulheres ciclistas percebam e interajam com o espaço urbano de maneira empoderadora. Ao pedalar, as mulheres não apenas reivindicam seu direito de ocupar as ruas, mas também desafiam as normas sociais que tradicionalmente limitam sua mobilidade e visibilidade. Essa prática transforma a bicicleta em uma ferramenta de resistência e autonomia, permitindo que as mulheres explorem suas cidades, ampliem seus horizontes e promovam mudanças sociais. Através do ciclismo, as mulheres podem desenvolver uma compreensão mais profunda de suas comunidades e se tornarem agentes de transformação, alinhando-se com a visão de Freire (1989) de que a educação deve ser um ato de liberdade.

No contexto das periferias e comunidades carentes, a bicicleta emerge como uma poderosa ferramenta de mobilidade e transformação social para muitas mulheres. Em áreas onde o transporte público pode ser escasso ou caro, a *bike* oferece uma alternativa acessível e eficiente, permitindo que mulheres acessem oportunidades de emprego, educação e serviços essenciais. Mulheres de periferias frequentemente enfrentam barreiras socioeconômicas que limitam suas opções de mobilidade. No entanto, ao adotar a bicicleta como meio de locomoção, essas mulheres não apenas superam essas barreiras, mas também desafiam as normas sociais que restringem sua autonomia.

A ciclovigam e o cicloturismo despontam como uma forma singular de empoderamento feminino, permitindo que mulheres explorem o mundo e vivenciem novas leituras de forma autônoma e libertadora. Através da bicicleta, elas transcendem fronteiras geográficas e sociais, conquistando espaços e desafiando normas que tradicionalmente limitam a mobilidade feminina.

No entanto, a jornada sobre duas rodas também apresenta desafios específicos para mulheres. A segurança, a falta de infraestrutura adequada e o preconceito em alguns lugares exigem planejamento, resiliência e criatividade. Compartilhar as narrativas de mulheres cicloviantes é fundamental para inspirar, informar e criar uma rede de apoio para aquelas que desejam se aventurar no ciclo turismo. E neste contexto, o *podcast* “Ela Roda as Cidades” se torna um espaço privilegiado para amplificar essas vozes, oferecendo um panorama diverso da ciclovigam sob a perspectiva feminina.

A ciclo mobilidade é amplamente reconhecida como uma prática sustentável que contribui para a redução da pegada de carbono⁸ e promove uma relação mais íntima com o ambiente urbano e natural. Inspirando-se nas reflexões de Ailton Krenak (2019) sobre a conexão intrínseca⁹ entre seres humanos e a natureza, podemos ver o ciclismo como uma extensão dessa filosofia de coexistência harmônica.

Krenak (2019) enfatiza a importância de respeitar e proteger o ambiente natural, sugerindo que nossas práticas cotidianas devem refletir um compromisso com a sustentabilidade. Nesse sentido, o uso da bicicleta, portanto, não é apenas uma escolha ecológica, mas também uma forma de cultivar um relacionamento mais profundo e respeitoso com o meio ambiente. Ao pedalar, as pessoas têm a oportunidade de vivenciar a cidade de maneira mais direta e consciente, promovendo um estilo de vida que valoriza a sustentabilidade e a harmonia com a natureza. O ciclismo, além de ser uma prática sustentável, representa um ato de resistência cultural que desafia as normas estabelecidas pela hegemonia automobilística nas cidades.

A importância de preservar tradições e resistir à homogeneização cultural, a escolha pela bicicleta pode ser vista como uma forma de reafirmação de valores que priorizam a convivência pacífica e sustentável. Krenak (2019) enfatiza a necessidade de um relacionamento mais harmonioso entre os seres humanos e a natureza, sugerindo que nossas práticas cotidianas devem refletir um compromisso com a sustentabilidade e a preservação cultural. Nesse contexto, o ciclismo se torna uma prática que não apenas reduz a pegada de carbono, mas também promove uma nova relação com o ambiente urbano. Ao optar pela bicicleta, os ciclistas estão rejeitando a cultura do carro, que prioritariamente predomina o planejamento urbano, e estão promovendo uma mobilidade que é mais inclusiva, acessível e ecologicamente consciente.

Krenak (2019) fala sobre a importância das comunidades e da solidariedade como formas de empoderamento e resistência. Isso se reflete nas comunidades de ciclistas, como *Bike Anjo* e *Bike Anjas*, que promovem a inclusão, a igualdade e o apoio mútuo. Essas comunidades não apenas incentivam o uso da bicicleta, mas também criam redes de apoio e empoderamento

⁸ Pegada de carbono: Medida do impacto ambiental das atividades humanas em termos de quantidade de dióxido de carbono emitido.

⁹ Conexão Intrínseca consiste na noção de conexão intrínseca refere-se à relação fundamental e inseparável entre seres humanos e natureza, onde ambos são vistos como interdependentes. Essa visão, destacada por Ailton Krenak (2019, 2020), sugere que a natureza é uma extensão viva dos seres humanos, e que uma desconexão entre os dois é vista como central para a crise ambiental e social. Assim, a conexão intrínseca promove uma coexistência harmoniosa e respeitosa, contrastando com a exploração e separação promovidas por perspectivas ocidentais.

que desafiam as estruturas sociais tradicionais. Inspiradas pelas ideias de Krenak (2019, 2020), essas redes funcionam como microcosmos de resistência e solidariedade, onde os membros se apoiam mutuamente e promovem um modelo de mobilidade urbana que é inclusivo e sustentável. Ao participar dessas comunidades, ciclistas estão contribuindo para a construção de um tecido social mais forte e resiliente, que valoriza a diversidade e a cooperação.

4.2 TECNOLOGIA E *PODCASTING* COMO FERRAMENTA DE ATIVISMO

Como bem coloca Croft (2023), os *podcasts* se consolidaram como uma ferramenta de comunicação inovadora, especialmente eficaz na amplificação de vozes de mulheres e outras minorias, além de ser uma ferramenta potente de resistência. Este meio oferece uma plataforma acessível e democrática para compartilhar histórias, discutir questões sociais e promover mudanças.

Através de *podcasts*, mulheres têm a oportunidade de narrar suas experiências, conectar-se com audiências globais e construir comunidades de apoio. *Podcasts* focados em temas feministas, que falam de mobilidade, empoderamento, dentre outros, pretendem desempenhar um papel importante na sensibilização sobre as questões enfrentadas por mulheres. No caso do “Ela Roda as Cidades”, questões enfrentadas por mulheres ciclistas, buscando promover o empoderamento e a inclusão. Como afirma Croft, “ainda que em um ambiente predominantemente masculino e branco, as mulheres existem, resistem e avançam como produtoras e detentoras de suas vozes.” (2022, p. 23).

A natureza digital e acessível dos *podcasts* permite que eles alcancem uma ampla gama de ouvintes, superando barreiras geográficas e sociais. Essa característica torna os *podcasts* uma ferramenta poderosa para a educação e a mobilização social, incentivando a participação ativa e o engajamento em questões de igualdade e justiça social.

Os *podcasts* se firmaram como uma ferramenta de comunicação inovadora, especialmente eficaz na amplificação de vozes de mulheres e outras minorias, consolidando-se também como um espaço crucial para a difusão de ideias feministas e a construção de comunidades. Este meio proporciona uma plataforma acessível e democrática para a partilha de histórias, debate de questões sociais e promoção de mudanças. Diferentemente da mídia tradicional, que reforça estereótipos negativos sobre mulheres negras, limitando suas pluralidades e perpetuando imagens de controle, o *podcast* possibilita a construção de narrativas autênticas e plurais.

Dentro desse cenário, o *podcast* “Afetos”, que é um *podcast* produzido por mulheres negras e voltado para discutir questões relacionadas a pessoas negras, é mencionado como um exemplo de iniciativa que busca humanizar mulheres negras, destacando-as como protagonistas de suas próprias histórias. A autodefinição desempenha um papel essencial na humanização dessas mulheres, pois possibilita que rejeitem estereótipos impostos e se apresentem como agentes autônomos de suas narrativas (CAVALCANTE, 2022).

É nesse contexto que o programa “Ela Roda as Cidades” se organiza blocos e episódios, cujos temas podem variar ao longo do tempo, mas sempre priorizarão discussões sobre o cicloativismo, se relacionando com as questões de gênero e raça. Através dos *podcasts*, as mulheres têm a chance de narrar suas vivências, conectar-se com audiências globais e construir redes de apoio. *Podcasts* focados em temas feministas e de mobilidade, como “Ela Roda as Cidades”, almejam desempenhar um papel fundamental na sensibilização sobre as questões enfrentadas por mulheres ciclistas, fomentando o empoderamento e a inclusão.

A obra de Aline Hack (2022) explora como o formato do *podcast* possibilita a criação de um ambiente de diálogo horizontal, onde diferentes vozes podem ser ouvidas e amplificadas. Essa característica é especialmente importante para o feminismo, que busca dar visibilidade às vivências e perspectivas de mulheres, muitas vezes silenciadas em outros âmbitos.

A acessibilidade e o baixo custo de produção dos *podcasts* democratizam a produção de conteúdo, permitindo que mulheres de diferentes origens e classes sociais compartilhem suas histórias e perspectivas. Na obra "Feminismos e *Podcasts*" (HACK, Aline, 2023), diversos capítulos exploram como o formato tem sido utilizado por mulheres para debater temas como violência de gênero, saúde mental, maternidade, carreira profissional e ativismo. Os *podcasts* feministas contribuem para a criação de redes de apoio e solidariedade entre mulheres. Ao compartilharem suas experiências e desafios, as mulheres que produzem e consomem *podcasts* feministas se conectam e constroem laços de empatia e sororidade¹⁰.

¹⁰ Sororidade: Solidariedade e apoio mútuo entre mulheres, promovendo empatia e cooperação contra a discriminação de gênero.

5 METODOLOGIA

Este produto teve uma abordagem jornalística, utilizando entrevistas semiestruturadas e narrativas pessoais, conforme sugerido por Silva e Malta (2023). Esta metodologia possibilitou uma análise mais profunda das experiências das mulheres ciclistas, promovendo uma compreensão abrangente dos desafios e conquistas enfrentadas por elas. Para tanto, foram cumpridas as seguintes etapas: definição da audiência, planejamento de episódios, definição de temas, pesquisa de conteúdo, seleção de entrevistadas, roteirização, gravação, edição, divulgação, periodicidade, acompanhamento de resultados.

5.1 DEFINIÇÃO DA AUDIÊNCIA

Para maximizar o impacto do *podcast*, o público-alvo foi nitidamente definido. Embora o tema do ciclismo feminino seja abrangente, a delimitação ajudou a refinar a linguagem utilizada no *podcast*, a escolha dos temas abordados e as estratégias de divulgação, garantindo que o conteúdo seja relevante e envolvente para os ouvintes pretendidos.

Dessa forma, o *podcast* buscou alcançar: Mulheres Ciclistas, diretamente envolvidas na prática do ciclismo e podem se beneficiar de histórias e dicas práticas; Mulheres Cicloviajantes, com diferentes experiências de ciclovagem, incluindo viagens solo, em dupla, em grupo, nacionais e internacionais; Ativistas Feministas, interessadas em questões de gênero e mobilidade, que podem utilizar o *podcast* como uma ferramenta de empoderamento e *advocacy*; Urbanistas e Especialistas em Mobilidade, que buscam compreender melhor as necessidades e desafios enfrentados por mulheres no espaço urbano; bem como Mulheres Negras, que se interessem por uma plataforma que possa amplificar a sua voz.

Além disso, definiu-se englobar a Audiência Geral Interessada em Sustentabilidade, que vivencia o ciclismo como parte de um estilo de vida sustentável e está aberta a discussões sobre impactos ambientais e sociais. Essa diversidade permitiu traçar um panorama abrangente da prática, considerando as particularidades de cada vivência ciclista.

5.2 PLANEJAMENTO DE EPISÓDIOS

Foi produzido um Episódio Piloto, que servirá como referência ao projeto de criar uma série de dez episódios posteriormente. O episódio piloto permitiu testar a proposta, ajustar o formato e obter *feedback* inicial, garantindo que a série completa atenda aos objetivos estabelecidos. Após a produção e avaliação do episódio piloto, serão produzidos dez episódios,

com duração de 40 a 50 minutos cada. Os temas seguintes abordarão histórias pessoais, discussões sobre segurança, saúde, experiências, ciclovagens, iniciativas de empoderamento, e a importância da visibilidade feminina no ciclismo, o lugar da mulher negra quando se trata de cicloativismo. Cada episódio futuro será estruturado com base nas entrevistas e na análise de conteúdo, garantindo uma abordagem abrangente e coerente dos temas.

5.3 DEFINIÇÃO DE TEMAS

O episódio piloto foi centrado em três blocos, cada um com um tema específico relacionado ao empoderamento feminino dividido em transgeneridade, raça e experiências.

5.4 PESQUISA DE CONTEÚDO

Foi realizada pesquisas sobre cada tema, incluindo revisão de literatura, análise de dados, buscas de possíveis modelos de atuação e identificação de histórias relevantes.

5.5 SELEÇÃO DE ENTREVISTADAS

Após a identificação, foi feito o convite para mulheres ciclistas, organizadas por blocos temáticos.

Para o Bloco 1, A mulher Negra e Sororidade em Redes, foram convidadas Aline Os e Gheisa Prado. Aline Os é mulher negra, ciclovijante, cicloativista, presidente da Cooperativa Senhoritas Currier, plataforma de cicloentregas atuante na Grande São Paulo e idealizadora da plataforma Celim Cultural. Durante a entrevista ela explica como o cicloativismo de plataforma se tornou parte de sua vida, relata como histórias de mulheres ciclovijantes a inspiraram a traçar suas próprias rotas e como ela enxerga a evolução do espaço para as mulheres negras no cicloativismo. Gheisa Prado é representante da rede *Bike Anjas* e integrante do grupo de *whatsapp*[®] da rede, trouxe a história da rede, formas de atuação e como o feminismo, o cicloativismo e a sororidade é vivenciada no grupo formado por mulheres ciclistas, através da plataforma *whatsapp*[®].

No Bloco 2, A Mulher Transgênero e seus desafios, Senhora Mar e Danny Ventura. Senhora Mar é mulher trans de Salvador que já ciclovijou pela América do Sul e Central, trouxe experiências sobre os desafios e as conquistas de ser uma mulher trans ciclista, as experiências de misoginia e transfobia no trânsito, e como o ciclismo se tornou uma ferramenta de empoderamento e resistência. Danny Ventura é mulher trans e ciclista, integrante da rede *Bike Anjas*, autora dos artigos “A Segurança na Magrela” (VENTURA, 2023b) e “O Corpo

Andrógino Misoginia no Trânsitos” (VENTURA, 2023a), ambos na plataforma TRANSbike, falou sobre os seus artigos e discutiu sobre suas experiências no ciclismo E os desafios de segurança e inclusão que mulheres trans enfrentam no ciclismo.

Para o Bloco 3, Cicloviação e Cicloturismo, as convidadas são Juli Hirata e Lorene Rodrigues. Juli Hirata é ciclovianjante solo desde 2015, com experiência internacional, uma das viagens de destaque foi quando pedalou para o Everest. Compartilhou suas experiências, desafios e aprendizados como mulher ciclovianjante. Enfatizou as questões de segurança, planejamento e empoderamento feminino através de viagens solo que possibilitam à autodescoberta. Lorene Rodrigues também é ciclovianjante, que ao momento estava viajando por Marrocos, nos falou sobre os contrastes do Marrocos em relação a Espanha, a hospitalidade das pessoas que encontrou e como o contato próximo com a natureza deslumbrante fortalece ainda mais sua ligação com o mundo ao redor. Lorene trouxe questões sobre segurança, sendo ela uma ciclovianjante solo em um país muçulmano, onde as mulheres ainda lutam por questões básicas contra a misoginia.

5.6 ROTEIRIZAÇÃO

Após a realização de pesquisas de *podcast* que trazem entrevistas, feminismo e ativismo e visitas constantes à literatura sobre os temas que iriam ser discutidos, que se assemelha ao que chamamos de reunião de pauta no jornalismo onde os temas e entrevistados são definidos, foi criado um roteiro detalhado que incluiu instruções para a produção da abertura do *podcast*, apresentação da locutora, entrevistas, áreas de respiros (intervalos entre cada entrevista e mudança de bloco), trilha, efeitos e finalização de todo o projeto para garantir unicidade, aspectos artísticos e qualidade sonora.

- Enfoque Narrativo: Desenvolvi uma narrativa envolvente que conectou as histórias pessoais às questões mais amplas de gênero, transgeneridade e mobilidade, que foi feito com os *brakes* que incluíram dica de livro sobre empoderamento feminino, música preferida ao pedalar, indicação de filmes que trazem a temática e uma ligação durante uma viagem de uma ciclovianjante negra localizada em Marrocos. Os *brakes* tiveram a missão de deixar os ouvintes respirarem entre um conteúdo e outro e ao mesmo tempo, garantir a interação com o público como forma de cativar e tornar relevante a sua presença.

- Revisão e Ajustes: O roteiro foi revisado e discutido com a equipe de edição, foi realizado ajustes para garantir clareza e fluidez. A edição foi executada passo a passo através do roteiro, o que incluiu decupagem que é a limpeza das falas, desde erros, pontos parados e

falas que por qualquer motivo, não se ajustaram ao projeto, que é o mesmo que um jornalista executa ao aprimorar o próprio texto antes de ir para o editor da redação. Montagem dos diálogos obtidos através das entrevistas, que é um papel executado por editores na área do jornalismo, decupagem executada por mim

5.7 GRAVAÇÃO

- Equipamento de Gravação: Foram utilizados microfones de lapela profissionais da marca *Hollyland*[®], *softwares* de captura e edição como *Audition*[®] e *Premiere*[®], garantindo captura de áudio limpo e edição do material de forma profissional. Todas as entrevistas foram gravadas através da plataforma *Zoom*[®], haja visto a posição geográfica das entrevistadas ser diversa e distante geograficamente falando. Com o intuito de ter material para a publicidade e divulgação do *podcast*, chamando o público para ouvir o episódio, o material de áudio foi editado juntamente com a imagem capturada para distribuição de “pílulas” (pequenos recortes) nas redes sociais do projeto.

- Ambiente de Gravação: O espaço escolhido para gravação foi um local bem iluminado e com baixo ruído para contribuir com a qualidade sonora do microfone. As entrevistadas foram orientadas para escolherem locais bem iluminados, com boa paisagem e a utilização de fones de ouvido que melhora a captura da fala com mais qualidade, quando a pessoa não possui equipamento profissional.

- Técnicas de Entrevista: Foram aplicadas técnicas de entrevista eficazes para obter respostas autênticas e significativas dos participantes, buscando englobar os assuntos mais relevantes e direcionar as respostas para ajustes de discurso.

5.8 EDIÇÃO

- *Software* de Edição: Utilização *softwares* como *Adobe Premier*[®] para editar os episódios com áudio e vídeo, ajustando níveis de áudio, removendo ruídos indesejados, tratando imagens, adicionando músicas e efeitos sonoros.

- Coerência e Fluidez: Busquei assegurar que o episódio piloto tivesse uma progressão lógica e mantivesse o interesse do ouvinte ao longo de sua duração.

- Revisão de Qualidade: Foi realizada revisão final para garantir a qualidade de todo o projeto e a precisão das informações apresentadas.

5.9 DIVULGAÇÃO

A divulgação foi feita por meio de redes sociais, parcerias com blogs e sites relacionados ao ciclismo, feminismo e sustentabilidade, além da utilização de plataformas de *streaming* de áudio como *Spotify*[®] e *Deezer*[®]. Estratégias de *marketing* digital serão empregadas para alcançar um público mais amplo e engajado.

- Estratégias de Marketing Digital: Desenvolver uma estratégia de marketing digital que inclua a promoção do *podcast* em redes sociais, blogs e sites relacionados ao ciclismo e feminismo.

- Utilização de Redes Sociais: Foram utilizadas plataformas disponibilizadas como redes sociais *Instagram*[®], *Facebook*[®], *X*[®], além de *Blog Wordpress*[®] e *LinkedIn*[®], para engajar o público, ampliar o alcance do *podcast* e para serem utilizados como plataformas de conteúdo científico e literário, haja visto que há muita pesquisa na área do ciclismo, cicloativismo, saúde e bem-estar relacionado ao uso da bicicleta.

- Parcerias e Colaborações: Estamos buscando parcerias com rádios e organizações interessadas no conteúdo elaborado, que possam ajudar a divulgar para atingirmos um alcance mais amplo, além de disponibilizar recursos financeiros para toda a equipe de produção garantindo a continuidade do projeto.

- Plataformas de Streaming: Foram utilizadas plataformas de streaming de áudio e vídeo como *Youtube*[®], *Spotify*[®], *Deezer*[®], *Apple*[®] *Podcasts* e *Google*[®] *Podcasts* para distribuição e alcance de públicos diversos.

5.10 PERIODICIDADE

Os episódios serão lançados mensalmente, podendo mudar de acordo com o resultado, buscando engajamento contínuo com o público. A regularidade na publicação ajudará a manter o interesse e fidelidade dos ouvintes.

5.11 ACOMPANHAMENTO DE RESULTADOS

O sucesso do *podcast* “Ela Roda as Cidades” será avaliado futuramente, por meio de um conjunto de métricas quantitativas e qualitativas, que permitirão medir o alcance e o engajamento do público. Essas métricas fornecerão insights valiosos para ajustar e aprimorar os episódios futuros, garantindo que o conteúdo continue relevante e impactante para a audiência.

Para isso, vai ser monitorado o número total de ouvintes por episódio em plataformas de streaming como *Youtube*[®], *Spotify*[®], *Apple*[®] *Podcasts* e *Google*[®] *Podcasts*. O crescimento contínuo no número de ouvintes será um indicador de sucesso e relevância do conteúdo. Vamos também analisar a taxa de retenção de ouvintes para cada episódio, identificando em que ponto os ouvintes tendem a abandonar o episódio. Isso ajudará a entender quais segmentos são mais envolventes e quais podem precisar de ajustes. Outra aferição se dá através da medição do número de interações, como curtidas, compartilhamentos e comentários, nas postagens relacionadas ao *podcast* em plataformas como blogs, *Instagram*[®], *Facebook*[®] e *LinkedIn*[®]. Isso fornecerá uma visão sobre o engajamento do público com o conteúdo.

Com o intuito de aprimorar a produção e a qualidade do conteúdo, será realizado *branchmark* com produtores de *podcast*, para que seja feito o intercâmbio de informações diversas, valorizando e potencializando a área de *Podcasts*, visando o aumento de público consumista do tipo de conteúdo. Buscando assim, o crescimento e o fortalecimento de todos os produtores do setor.

6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA

Embora o podcast “Ela Roda as Cidades” tenha um forte propósito social e educativo, garantir sua sustentabilidade financeira é crucial para a continuidade e expansão do projeto. Carlos (2023) observa que, cada vez mais, as grandes marcas associam seus nomes às novas plataformas com conteúdos digitais e aos seus produtores. Por tal razão, se faz necessária atenção a essa nova realidade.

No mesmo sentido, algumas estratégias que podem ser exploradas para assegurar recursos financeiros de forma eficaz são: elaborar parcerias estratégicas, procurar colaborações com Organizações Não Governamentais (ONGs); estabelecer parcerias com ONGs que compartilham objetivos semelhantes, como promoção do ciclismo, empoderamento feminino e sustentabilidade. Essas organizações podem oferecer apoio financeiro, logístico ou promocional. Também visamos conseguir apoio de instituições acadêmicas que pesquisam urbanismo e mobilidade, como parte de suas iniciativas de extensão ou pesquisa, fornecendo recursos em troca de dados e *insights* gerados pelo *podcast*.

Patrocínios corporativos são outra possibilidade de recursos. Procuraremos patrocínios de empresas que atuam nas áreas de mobilidade urbana, bicicletas, equipamentos esportivos ou sustentabilidade. Essas empresas podem se beneficiar da associação com um projeto que promove valores alinhados aos seus. Buscaremos apoio de marcas que atendem ao público feminino, oferecendo visibilidade em troca de financiamento ou produtos para sorteios e promoções.

Certamente, buscar patrocinadores e anunciantes que estejam alinhados com os objetivos do empoderamento feminino, bem-estar social, mobilidade urbana, inclusão e sustentabilidade. Desta forma, será possível manter o *podcast* “Ela Roda as Cidades” fiel aos seus objetivos e, principalmente, alinhados com o público do *podcast*. Aline Carlos (2022), explica que: “há diversas maneiras de aproximar podcasts e marcas considerando sempre a coerência e o alinhamento destas aos propósitos ou temas dos programas”.

Outras fontes de recursos podem ser o Financiamento Coletivo, Campanhas de *Crowdfunding*¹¹ com campanhas de financiamento coletivo em plataformas, como

¹¹ *Crowdfunding*: financiamento coletivo de projetos por meio de doações de muitas pessoas, geralmente facilitadas por plataformas *online*.

*Kickstarter*¹², *Catarse*¹³ e *Patreon*¹⁴, permitindo que ouvintes e apoiadores contribuam financeiramente para o projeto. Oferecer recompensas exclusivas, como acesso antecipado a episódios ou conteúdo bônus, pode incentivar as contribuições.

Engajamento da Comunidade:

Planejo envolver a comunidade de ouvintes na sustentabilidade financeira do *podcast*, incentivando doações recorrentes ou únicas e destacando o impacto direto de suas contribuições na continuidade do projeto.

Monetização de Conteúdo:

Conteúdo Exclusivo e Assinaturas: Pretendo oferecer conteúdo exclusivo para assinantes pagantes, como episódios extras, entrevistas aprofundadas ou workshops online. Essa estratégia pode gerar uma fonte de renda contínua e fortalecer o engajamento com o público mais dedicado.

Eventos e Workshops:

Pretendo organizar eventos presenciais ou virtuais, como palestras, workshops ou encontros de ciclistas, cobrando uma taxa de participação. Esses eventos podem não apenas gerar receita, mas também expandir a rede de contatos e a visibilidade do *podcast*.

¹² *Kickstarter*: plataforma de financiamento coletivo para projetos criativos.

¹³ *Catarse*: plataforma brasileira de financiamento coletivo para projetos.

¹⁴ *Patreon*: plataforma de financiamento contínuo, onde apoiadores contribuem regularmente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi mais do que uma etapa acadêmica; representou uma poderosa afirmação sobre a relevância do ciclismo na luta por equidade, sustentabilidade e inclusão social. Por meio do podcast “Ela Roda as Cidades”, reiterei o potencial deste formato para servir como um canal de diálogo amplo, incentivando mudanças sociais por meio da escuta e reflexão sobre narrativas reais de mulheres que encontram na bicicleta uma via de libertação pessoal e coletiva.

Neste espaço, busquei ir além das fronteiras estabelecidas, reconhecendo as complexas camadas de experiências de mulheres em contextos diversificados, seja pessoas de Salvador como a Senhora Mar ou mulheres situadas ou de passagem em regiões longínquas como Aline Os (SP), Juli Hirata (MA) e Danny Ventura (PA) e, inclusive, e, lugares desafiadores, como Lorene Motta, ciclovijando em Marrocos. As histórias contadas não só amplificaram vozes habitualmente marginalizadas, mas também inspiraram transformações tangíveis, trazendo esperança de um futuro mais inclusivo e consciente.

Em última análise, o projeto desponta como um tributo à força das mulheres no ciclismo, encorajando ouvido e coração a compreender e valorizar suas experiências. Que estas trajetórias, vividas e relatadas, continuem a servir de inspiração e motivação, incentivando novas gerações a desafiar normas sociais arcaicas e buscar suas próprias direções de empoderamento.

Conforme destaca Silva e Malta (2023), os *podcasts* representam uma ferramenta poderosa na promoção de igualdade e na amplificação de narrativas que conduzem a ações positivas sustentadas. Com um compromisso contínuo em compartilhar histórias que iluminam, este trabalho deixa, assim, seu legado voltado ao fortalecimento de comunidades e à promoção da alteridade e da justiça social através do ciclismo feminino.

8 REFERÊNCIAS

ALVES, Alê. Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. **El País Brasil**, 27 jul. 2017. Política. Feminismo. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso em: 31 jan. 2025.

BIKE ANJO. Sobre Nós. **Bike Anjos**, c2025. Quem somos. Disponível em <https://www.bikeanjo.org/>. Acesso em: 10/01/2025.

CARLOS, Luízy A. da Silva. Consumo de ativismo e os podcasts. *In*: HACK, Aline (org.). **Feminismos e Podcasts**. Editora Blimunda, 2023.

CARLOS, Luízy A. da Silva; SANTOS, Maria Salett Tauk. Ativismos feministas: as apropriações da mídia *podcast* para a mobilização e o empoderamento de mulheres no ciberespaço. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 46, e2023110, 2023. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-58442023110pt>. Acesso em: 17 jan. 2025.

CAVALCANTE, Aldenora Teófila Vieira Santos. A humanização de mulheres negras na podosfera brasileira. *In*: HACK, Aline (org.). **Feminismos e Podcasts**. Editora Blimunda, 2023.

CROFT, Ira. A jornada da heroína *podcaster*. *In*: HACK, Aline (org.). **Feminismos e Podcasts**. Editora Blimunda, 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil**. 2. ed. Fórum Brasileiro de Segurança Pública; DATAFOLHA, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. (Coleção Polêmicas do nosso tempo). Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/materiais/importancia-do-ato-de-ler/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

HACK, Aline. Olhares Podcast: fenômeno cultural, narrativas e identidades feministas. *In*: _____ (org.). **Feminismos e Podcasts**. Editora Blimunda, 2023.

ITDP. A cor da mobilidade. **Relatórios das rodas de conversa**. ITDP Brasil, abr. 2022. Disponível em: <https://itdpbrasil.org/a-cor-da-mobilidade-relatorio-das-rodas-de-conversa/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

KASHYAAP, Sindhu. 100 Emerging Women Leaders: Why this lawyer decided to start a bicycle rental startup in Rajasthan. **HERSTORY**, 02 ago. 2021. Disponível em: <https://yourstory.com/herstory/2021/08/100-emerging-women-leaders-lawyer-startup-bicycle-rental-business-rajasthan>. Acesso em: 19/01/2025.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMB, Mark; COLLYER, Sarah. The effect of safety attire on perceptions of cyclist dehumanisation. **Transportation research part F: traffic psychology and behaviour**, v. 95, p. 494-509, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.trf.2023.05.008>. Acesso em: 17 jan. 2025.

MOVIMENTO CICLO OLHAR. #cicloolhar A bicicleta como ferramenta de emancipação da mulher. **Cicloolhar**, jun. 2019. Disponível em: <https://cicloolhar.blogspot.com/2019/06/cicloolhar-bicicleta-como-ferramenta-de.html>. Acesso em: 19 jan. 2025.

PAULA, Tainá de. Gênero, Raça e Cidade: Uma Nova Agenda Urbana é Necessária. In: SANTINI, Daniel; ALBERGARIA, Rafaela; SANTARÉM, Paíque Duques (org.). **Mobilidade Antirracista**. São Paulo: Editora Autonomia Literária, 2021.

SILVA, Alice dos Santos; MALTA, Renata Barreto. Mulheres *Podcasters*: Atuações Feministas na Podosfera Brasileira. In: HACK, Aline (org.). **Feminismos e Podcasts**. Editora Blimunda, 2023.

VENTURA, Danny. Desafios enfrentados pelas mulheres ciclistas no trânsito: Reflexões sobre gênero e violência. **Bike Anjo Blog**, 22 jun. 2023a. Comunicação Bike Anjos. Disponível em: <https://www.bikeanjo.org/blog/2023/06/22/androginia-misoginia-transito-desafios-mulheres-ciclistas/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

VENTURA, Danny. Transbike: a segurança na magrela. **Bike Anjo Blog**, 24 fev. 2023b. Comunicação Bike Anjos. Disponível em: <https://www.bikeanjo.org/blog/2023/02/24/transbike-a-seguranca-na-magrela/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

WELLE, Ben; LIU, Qingnan; LI, Wei; ADRIAZOLA-STEIL, Claudia; KING, Robin; SARMIENTO, Claudio; OBELHEIRO, Marta. **O Desenho das Cidades Seguras**. Diretrizes e Exemplos para Promover a Segurança Viária a partir do Desenho Urbano. Tradução de: Brenda Medeiros, Rafaela Cesar Machado, Shanna Lucchesi e Bruno Rizzon. WRI BRASIL, 2023. Disponível em: <https://www.wribrasil.org.br/publicacoes/o-desenho-de-cidades-seguras>. Acesso em: 10 jan. 2015.

9 GLOSSÁRIO

Ciclismo: Atividade de andar de bicicleta, seja como esporte, meio de transporte ou lazer.

Cicloativismo: Movimento que utiliza o ciclismo como forma de promover mudanças sociais, especialmente em relação à mobilidade urbana sustentável e inclusão social.

Ciclomobilidade: Uso da bicicleta como meio de transporte urbano, integrando-a aos sistemas de mobilidade das cidades.

Cicloturismo: Turismo que utiliza a bicicleta para explorar locais, combinando esporte, aventura e contato próximo com o ambiente.

Empoderamento Feminino: Processo pelo qual as mulheres ganham poder e controle sobre suas próprias vidas, promovendo igualdade de gênero.

Interseccionalidade: Abordagem que considera as múltiplas formas de discriminação e opressão que interagem, como raça, gênero e classe social.

Podcast: Programa de áudio disponível na internet, que pode ser ouvido sob demanda, abordando uma variedade de temas.

Sororidade: Solidariedade e apoio mútuo entre mulheres, promovendo empatia e cooperação contra a discriminação de gênero.

Sustentabilidade: Prática de atender às necessidades atuais sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades, frequentemente associada a práticas ecológicas e de conservação.

Transgênero: Termo que descreve pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo que lhes foi atribuído ao nascer.